**Wagner Ribeiro da
Silva**

Mestrando no Programa
de Pós-Graduação em
Comunicação Social na
Universidade Metodista
de São Paulo, Umesp.

RESENHA

A Carta, o abismo, o beijo

Submissão: 9-5-2019
Decisão editorial: 2-7-2019

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A Carta, o abismo, o beijo.** São Paulo: Paulus, 2018. 138 p. ISBN: 978-85-349-4788-6.

Logo ao folhear o livro *A carta, o abismo, o beijo*, de Norval Baitello Junior, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o que chama atenção é o cuidado em adequar conteúdo e forma. A escolha do gênero epistolar-ensaístico é certa: conduz o leitor com leveza pelos sinuosos caminhos da comunicação. Tem-se nesta obra um autor maduro e confiante, conhecedor da feliz metáfora criada por Deleuze e Guattari: “as cartas são um rizoma, uma rede, uma teia de aranha” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 59)¹.

A teia tecida por Norval nessa obra é dividida em 16 capítulos, cada um deles dedicado a interlocutores distintos. Os textos são tangenciados por diversos temas basilares das relações e representações sociais, tais como comunicação primária, secundária e terciária, meios e mediações, a posição privilegiada do corpo e daquilo que o veste como formas de estarmos e nos posicionarmos no mundo frente ao Outro.

Essa variedade de temas tem justificativa: as ciências da comunicação requerem hoje uma ampla

¹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

revisão de métodos e análises, “uma vez que expandiram seus objetos de um modo exponencial” (p. 59). É justamente nesse eixo multidirecional que o autor estabelece seu método de ver e tentar compreender o mundo. Ao que tudo indica, Baitello rejeita o método neuroticamente cartesiano ou comteano e abre espaço para o diálogo, sem necessidades de “verdades” ou “certezas”.

Nesta obra, o método parece flexível – na melhor acepção do termo –, para privilegiar a interação orgástica entre os campos do conhecimento na tentativa de desvendar o universo da complexidade imagética do mundo contemporâneo. É nessa direção que Baitello adverte: “a inclusão da Biologia e da Etimologia, ao lado da Sociologia, da História e da Antropologia, já não deve ser estranha na área das ciências da Comunicação” (p. 60).

Apesar de essa abordagem não ser inédita, haja vista a genialidade do pensamento complexo de Edgar Morin, nos interessa no livro a sugestão de usar a multidisciplinaridade como um caminho possível – aliás, bastante indicado – para encarar o desafio de estudar o caráter polissêmico das imagens com as quais somos bombardeados diariamente. E não seria exagero falar numa escravidão imagética. Segundo o autor, vivemos hoje em um mundo não apenas de franco domínio da imagem, mas também de uma “visível perda progressiva da escrita em favor de ícones” (p. 78).

“Quanto mais vemos, mais nos tornamos ávidos pelas imagens externas, menos enxergamos nossas imagens e menos ainda geramos nossas próprias imagens” (p. 42). O leitor pode questionar: “como não geramos nossas próprias imagens se o que mais fa-

zemos hoje são selfies?". O questionamento é válido. Entretanto, seriam as *selfies* nossas próprias imagens ou representações fantasmas, iconização oca de nós mesmos?

A resposta é clara na obra: em lugar da vida, temos a imagem da vida. O autor acredita que nada resume mais o espírito dos nossos tempos do que a iconização de tudo, a substituição de toda materialidade e toda corporeidade pela imagem. "A imagem se transforma em espírito de todas as coisas" (p. 35). Nesse ponto, apesar de não mencionado, Baitello parece dialogar com Jean Baudrillard (1981)², em que a realidade do mundo se manifesta por meio de simulacros e simulações. Que seria da iconização do mundo senão os processos sociais de simulacros e simulações?

Contudo, é preciso esclarecer que a iconização de tudo não tem caráter apocalíptico para Baitello. Trata-se de uma constatação. Mas que de forma alguma significa um beco sem saída. Por meio das imagens compreendemos o mundo e também por meio delas podemos combater a aridez do real, marcados pelo trânsito praticamente livre entre o mediático e o artístico. É nos campos da arte e da mediatização que o autor estabelece a tensão imagética do mundo.

Mesmo que na metade do século XX tenha havido a proliferação de obras de artistas com a potência expressiva e crítica de Cindy Sherman, Robert Frank, Gary Hill, Christo Javacheff, houve também um crescimento vertiginoso das imagens mediáticas e seus canais de massificação. A quantidade de produção artística, além de inferior, parece não dar conta de

² BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Editions Galilée, 1981.

espelhar ou refletir sobre a quantidade “oceânica” de imagens mediáticas. Isso, para Baitello, torna evidente que vivemos em um ambiente “iconomaniaco” e os resultados sociais podem ser perigosos: “pela atividade de reprodução [técnica] busca-se a sedação” (p. 84).

Essa sedação a que o autor se refere dialoga com o conceito de fadiga da compaixão, da jornalista e socióloga Susan D. Muller. O excesso de imagens acaba banalizando as situações a que somos expostos, resultando num processo de falta de empatia e, ainda, por carência de solidariedade. Assim, passamos a ver imagens em excesso, mas, em contrapartida, mergulhamos na escassez de sentimentos em relação ao Outro e a nós mesmo.

As imagens não são inocentes. Esse é o recado de Baitello na obra. Elas têm suas próprias ambições, vontades e desejos. Elas construíram a era dos mitos, a era dos cultos, a era das artes e agora fazem a era da mídia, “num jogo de oscilação entre a imanência e a transcendência, ora tirando-nos de nós mesmos, ora trazendo-nos para nós mesmos” (p. 116).

Devido ao número relativamente reduzido de páginas, o autor não mergulha tão profundamente em discussões conceituais de classificação dos diversos tipos de imagens. Mas parece que este nunca foi, de qualquer forma, o objetivo. Isso seria um problema? Não, não desabona em nada uma obra que se pretende dialógica. E mais: no campo dos estudos da imagem, temos visto que o estado da arte já vem tecendo considerações, quase excessivamente, sob os aspectos conceituais e de produção.

Há disponível reflexões relevantes sobre a natureza técnica das imagens a partir dos estudos semióticos sobre fotografia, cinema, pintura, publicidade

e todo o restante das imagens “artificiais”. Temos as contribuições vindas por meio das teorias da materialidade, especialmente sobre a perspectiva histórica e cultural da natureza tecnológica da comunicação contemporânea. Nesse sentido, é muito mais interessante mergulhar com o autor no campo de fronteiras indefinidas da obra ensaística.

Ao optar pelo gênero epistolar-ensaístico, bem ao gosto de Ítalo Calvino, Baitello nos propõe o diálogo de coração aberto, livre dos grilhões do conceito. Mas nem por isso menos importante do ponto de vista científico. Talvez esteja aí o maior mérito da obra: fazer com que o leitor absorva a produção científica tanto pela via racional quanto emocional. Poíesis e Ciência estão – ou deveriam estar – intimamente ligadas, como nos ensina Lucia Santaella (1994)³. Eis o motivo pelo qual vale muito a leitura de *A Carta, o abismo, o beijo*.

Wagner Ribeiro da Silva

Bacharel em jornalismo e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo, Umesp. Atua como jornalista e fotojornalista há 10 anos, tendo realizado trabalhos para os veículos de comunicação mais importantes do Brasil.

E-mail: wagnermetodista2@gmail.com

³ SANTAELLA, Lúcia. **Estética: de Platão a Peirce**. São Paulo: Experimento, 1994.